

Em vários capítulos há o predomínio da sátira, numa desforra pelo tédio e enclausuramento que a autora deve ter sofrido quando garota. É muito possível que ela tenha retratado a si própria naquela esguia adolescente de rabo de cavalo que, na janela, esperava em vão ver surgir um rapaz casadoiro no quarteirão. Sabemos que Mororó-Mirim («Little Plodder») representa uma cidade real —São Bento do Sapucaí— onde Eugênia foi criada.

Seus leitores vivem em cidades progressistas, onde o passado vai sendo rapidamente destruído por construções impessoais, cosmopolitas, de concreto padronizado. Não é de se admirar que o livro os atraia, satisfazendo a nostalgia do passado e sufocando esta saudade.

Sereno, sobrinha de Ribeiro Couto e Plínio Salgado, sabe como escrever. Suas histórias não chegam a ser obras-primas como as de Guimarães Rosa, com sua profundidade metafísica, mas podem facilmente ser comparadas à literatura regionalista do passado, à qual a autora somou seus sorrisos e lágrimas.

GERALD MOSER

*The Pennsylvania State University.*

NÉLIDA PIÑON: *O calor das coisas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

O título do novo livro de Nélida Piñon me lembrou a queixa de uma amiga brasileira naquela pequena cidade universitária de Nova Inglaterra onde passávamos o inverno: «Falta-me o calor humano aqui.» Sendo nativa daquela região inhóspita, nunca me tinha ocorrido tal observação mas tencionei fazer uma comparação a próxima vez que fosse ao Brasil. Fiel a minha palavra mas não de acordo com a intuição positiva da amiga brasileira, notei que, de fato, havia muito calor humano em seu país —ônibus tão cheios que os passageiros ficavam como sardinhas numa lata, tanta gente na calçada da Nossa Senhora de Copacabana que era um curso de obstáculos caminhar, enfim, pessoas apinhadas em todos os lugares públicos. Era calor humano demais. Essa é a impressão que tive do uso da metáfora como título da nova coleção de contos de Nélida Piñon.

*No calor das coisas*, as relações humanas são sufocantes e os personagens ou se devoram, ou são oprimidos um pelo outro, ou as relações são incômodas e exploradoras. Há uma grande ironia na declaração que mais sublime que o amor só a amizade. No conto do título do livro, o amor entre mãe e filho torna-se edipano num fundo de imagens culinárias e a metáfora de gordura. Usando diferentes aspectos retóricos, Nélida se mantém como mestra do seu ofício. A sua versão da «Missa do Galo» é uma reescritura do famoso conto machadeano que nos dá um novo ponto de vista, o de Menezes, o marido infiel, em lugar da narrativa do adolecente Nogueira. Além de referências históricas e culturais sobre a época machadeana e ao Machado de Assis dramaturgo, o narrador nos dá uma perspectiva sobre a vida interior dum personagem que mal conhecemos no conto original. Mais uma vez, a ironia predomina.

Na prática e nas observações sobre sua arte, a autora emprega técnicas das mais modernas na sua «odisséia de uma narrativa inimiga de qualquer seqüência e noção de tempo» (p. 172). Onde faltam transições, somos obrigados muitas vezes a reler. Embora demonstre preocupação sobre o tempo, o essencial para Nélida se reflete na sua frase: o único capítulo possível da existência é transferir para o outro

o viver que é nosso por direito. Esse viver às vezes são as fantasias da autora implícita em interação com os personagens como em «Tarzan e Beijinho».

Além de dedicar-se à literatura e às intuições metaliterárias, Nélide também nos fala da vida. No «Jardim das Oliveiras» (o jardim onde Cristo foi preso), Nélide coloca o homem mediano brasileiro que tem vivido os anos da repressão. Num monólogo que ele dirige a José, amigo morto pelos torturadores, o narrador fala da vida e da morte, do poder e da dor, do medo versus a consciência, e do valor do cotidiano. O seu é o dilema do período recente no Brasil. Embora julgue que a vida dos sentidos equivale a qualquer heroísmo ou ideologia, sabe que é também um ópio. Além de objectivar a realidade, ele torna-se objeto como coisa alienada. Através das palavras, descobre uma libertação: «Acaso pensavam que me podiam arrancar a vida porque me faltaria a coragem de usar uma vez mais as palavras que me matando por dentro abrim-me a porta para esta mesma vida?» (p. 15).

O que o narrador chama de escatologia oficial são «exclamações do arcabouço lingüístico dos ingênuos que se satisfazem com falsetes que o meio social sabiamente absorve e atenua» (pp. 18-19). Esse *everyman* brasileiro está sob a tutela de violência e do absolutismo e passa a viver a vida pela metade. Não dirige mais seu destino. Quem o assalta na esquina é dono da sua vida (p. 23).

A opressão da sociedade e sua estrutura oficial tem paralelo em relações particulares e conjugais. A narradora do «I Love My Husband» nem pode se pertencer. Pertence ao marido e sua consciência está a serviço dêle. Porém, quando ela diz: «Como quer que eu fale de amor quando se discutem as alternativas econômicas de um país em que os homens para sustentarem as mulheres precisam desdobrar um trabalho de escravo», a culpa dessa opressão fica nas costas da estrutura do estado e não na falta de colaboração da mulher ao assumir algumas das responsabilidades econômicas da situação. Uma das pequenas contradições dum feminismo *sui generis*.

«O Revólver da Paixão» é uma carta na forma de um monólogo apaixonante e erótico. A autora se identifica visceralmente com seu objecto: «porque sou o teu humus, o teu esperma, eu sou o teu membro, eu sou você» (p. 121). Se não pode possuí-lo, mata-o. Entre imagens da maré, este amor obsessivo e devorador se declara através de uma prosa aliciante e poderosa: «eu te amei com um fervor das grandes estações humanas, eu te amei com a contorção da morte, amei com o medo de perder-te, mas permita-me agora amar-te com o impulso da vida selvagem, desregrada, sem outro modelo que o do próprio amor» (p. 126).

«Finisterre» me parece o conto mais pessoal e um dos mais belos. O tempo é seu tema principal ao qual estão ligados as origens familiares como fonte de criatividade, a essência da identidade, e o futuro. A devoração antropofágica da cultura das origens tem eco no prazer dos sentidos. Depois de saborear a carne da terra galega — «Havia chegado o momento da América recolher de volta os tesouros, arrastá-los até as naus prontas para o embarque. Em todos os portos, eu disponha de barcos» (p. 99).

A obra de Nélide Pifon é realmente um dos grandes tesouros das Américas.

MARIA LUISA NUNES

University of Pittsburgh.